

O MAL DA MORTE NO PESSIMISMO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE ARTHUR SCHOPENHAUER E DAVID BENATAR

THE EVIL OF DEATH IN PESSIMISM: CONSIDERATIONS FROM ARTHUR SCHOPENHAUER AND DAVID BENATAR

*Felipe Dossena*¹

Resumo: Neste trabalho, investigo a possibilidade de compatibilidade entre o pessimismo filosófico e a compreensão da morte como um mal para quem morre. Por pessimismo filosófico, compreendo a doutrina filosófica que mantém como tese fundamental que a não-existência é preferível à existência, de modo que o pessimismo é tomado como a filosofia de que a vida não vale a pena ser vivida. Por mal da morte, me refiro à compreensão da morte como um dano para o indivíduo que morre, cujo pressuposto em diferentes abordagens contemporâneas é o de que a morte só é um mal no caso de continuar existindo ser preferível a deixar de existir. Desse modo, o problema discutido é a aparente incompatibilidade entre a tese de que a não-existência é preferível à existência e a tese de que continuar existindo é preferível a deixar de existir. Busco demonstrar que essa (in)compatibilidade depende do modo como fundamentamos o pessimismo filosófico. Para tanto, examino dois argumentos para o pessimismo filosófico e suas implicações para o mal da morte: o argumento *a priori* de Arthur Schopenhauer e o argumento da assimetria de David Benatar. Concluo que o primeiro desses argumentos nos leva para a conclusão de que a morte não é um mal, mas que o segundo argumento compatibiliza o pessimismo filosófico e a compreensão da morte como um mal para quem morre.

Palavras-chave: Pessimismo. Morte. Mal da morte. Schopenhauer. Benatar.

Abstract: In this paper I address the possibility of compatibility between philosophical pessimism and the claim that death is an evil for the one who dies. By philosophical pessimism, I mean the philosophical doctrine that maintains as its fundamental thesis that non-existence is preferable to existence, so that pessimism is taken as the philosophy that life is not worth living. By the evil of death, I am referring to the understanding of death as a harm to the one who dies, whose assumption in different contemporary accounts is that death is only an evil if continuing to exist is preferable to ceasing to exist. Thus, the problem discussed is the apparent incompatibility between the thesis that non-existence is preferable to existence and the thesis that continuing to exist is preferable to ceasing to exist. I aim to show that this (in)compatibility depends on the way we base philosophical pessimism. In order to do so, I examine two arguments for philosophical pessimism and their implications for the evil of death: Arthur Schopenhauer's *a priori* argument and David Benatar's asymmetry argument. I conclude that the former argument leads us to the conclusion that death is not an evil, but the latter argument reconciles philosophical pessimism and the claim that death is an evil for the one who dies.

Keywords: Pessimism. Death. The evil of death. Schopenhauer. Benatar.

¹ Mestrando em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista CAPES. E-mail: dossenafelipe@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2748-3519>.

Introdução

Este trabalho visa explorar o seguinte problema: a tese de que a não-existência é preferível à existência é compatível com a tese de que continuar existindo é preferível a deixar de existir?² Como veremos, a primeira é tomada como a tese fundamental do pessimismo como doutrina filosófica. A segunda dessas teses, por sua vez, é o pressuposto das abordagens contemporâneas acerca do que há de ruim na morte, isto é, abordagens que visam explicar por que e em que medida a morte pode ser um mal para o indivíduo que morre (NAGEL, 1970; FELDMAN, 1992; MCMAHAN, 2002; BRADLEY, 2009; BELSHAW, 2012). Em outras palavras, portanto, o problema discutido a seguir é se o pessimismo filosófico é compatível com a compreensão da morte como um mal para quem morre. Busco demonstrar que a resposta a esse problema não é tão evidente e depende, em última instância, do modo como sustentamos essa tese fundamental do pessimismo. Para tanto, discuto o problema à luz dos argumentos para o pessimismo de dois destacados filósofos pessimistas, um do século XIX, Arthur Schopenhauer, e outro contemporâneo, David Benatar.

A fim de cumprir esse objetivo, o texto está dividido em quatro seções, além das considerações finais. Na primeira, apresento o que compreendo, no escopo deste trabalho, pelo conceito de “pessimismo”. Na segunda seção, explico o problema acerca do mal da morte e sua relação com o pessimismo. Na sequência, apresento o argumento *a priori* de Schopenhauer para o pessimismo e exploro as possíveis implicações para o problema acerca do mal da morte. Por fim, apresento o argumento da assimetria de Benatar em defesa da tese fundamental do pessimismo e sua resposta ao problema do mal da morte, discutindo sua plausibilidade.

1. O conceito de pessimismo

Na linguagem comum, o termo pessimismo é comumente empregado para se referir a uma disposição psicológica de ver as coisas de modo negativo. Por exemplo, o

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) e é oriundo da disciplina “Pessimismo e (anti)facismo” ministrada no PPGFil-UFSC (2023/01) pelo professor Dr. Vilmar Debona - a quem agradeço pela leitura atenta e comentários valiosos à primeira versão deste texto.

Dicionário Online de Português define pessimismo como uma “tendência natural para ver tudo pelo pior lado; quem tende a enxergar as coisas pelo lado desfavorável”.³ Nesse sentido, o pessimista é aquele que vê a metade vazia do copo, enquanto o otimista - antônimo de pessimista - é aquele que, ao olhar para o mesmo objeto, se atenta para a metade cheia do copo. Entendido desse modo, pessimismo e otimismo são disposições psicológicas diametralmente opostas; enquanto o primeiro tende a focar e destacar o lado desfavorável de uma situação ou estado de coisas, o segundo tende a dar destaque para o lado mais favorável. Essa compreensão do pessimismo, porém, está longe de ser exclusiva. Seguindo alguns autores (DIENSTAG, 2006; PRESCOTT, 2012) proponho uma distinção entre duas formas de compreender o conceito: (a) pessimismo como disposição psicológica; e (b) pessimismo como doutrina filosófica. É apenas o pessimismo enquanto doutrina filosófica (o que chamarei também de pessimismo filosófico) que interessa para o escopo deste trabalho.

No entanto, mesmo quando compreendemos o pessimismo como doutrina filosófica não há compreensão unívoca do conceito. Paul Prescott (2012), por exemplo, sustenta que em termos filosóficos o pessimismo é melhor compreendido como uma “postura” [*stance*], o que significa que para ser pessimista é necessário não apenas aceitar certas teses - como a de que o mal prevalece sobre o bem -, mas também um envolvimento ou atitude pessoal para com essas teses. Joshua Foa Dienstag (2006), por outro lado, desenvolve uma compreensão do pessimismo filosófico a partir da ideia de semelhança de família. Nesse sentido, o pessimismo é compreendido a partir de um conjunto de teses centrais que são características dessa corrente filosófica, mas nas quais nenhuma é isoladamente necessária, de modo que para ser pessimista é suficiente a aceitação de algumas dessas teses.

Em contrapartida a esses autores e na linha do que sugerem outros filósofos como Frederick C. Beiser (2016) e Byron Simmons (no prelo), chamarei de pessimismo filosófico uma determinada visão sobre o valor da existência, segundo a qual a não-existência é preferível à existência. Enquanto visão de mundo que avalia o “não ser” como preferível ao “ser”, pode também ser chamado de sentido ontológico do conceito (DEBONA, 2016). Segundo Beiser, essa é a tese central do pessimismo discutido na Alemanha do século XIX:

³ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pessimismo/>>. Acesso em 19 jun. 2023.

A discussão filosófica sobre o pessimismo na Alemanha do final do século XIX demonstra uma notável unanimidade quanto à sua tese central. De acordo com todos os participantes dessa discussão, o pessimismo é a tese de que a vida não vale a pena ser vivida, de que o nada é melhor do que o ser, ou de que é pior ser do que não ser (2016, p. 4, tradução nossa).

Assim, compreendo por pessimismo filosófico a filosofia de que a vida não vale a pena ser vivida ou, dito de forma mais clara, que a não-existência é preferível à existência. Trata-se, portanto, do julgamento de que seria melhor se nós próprios não existíssemos. Compreendo essa como a tese fundamental do pessimismo filosófico, o que com isso quero dizer que a aceitação dessa tese é condição necessária e suficiente para que alguém possa ser considerado pessimista (o que não necessariamente corresponde às compreensões de Beiser e Simmons). Nesse sentido, filósofos como Arthur Schopenhauer e David Benatar são pessimistas, independente de se eles próprios se consideram como tais.⁴ Não sustento, nem mesmo sugiro, que essa seja a melhor forma de compreender o conceito de pessimismo ou que as demais formas de conceituar o termo sejam equivocadas, apenas indico que essa é a compreensão relevante de pessimismo no escopo deste trabalho.

2. O mal da morte

“A grande maioria dos homens”, escreveu Henry Sidgwick (1962, p. 415, tradução nossa), “na grande maioria das condições sob as quais a vida humana é vivida, certamente age como se a morte fosse um dos piores males, para si próprios e para aqueles que amam”. No entanto, se a morte é mesmo um mal, há algo de enigmático a ser explicado: de que tipo é o mal ou dano que a morte representa ao sujeito que morre? Para fins dessa discussão, tomaremos como pressuposto que a morte é o evento que causa o fim de nossa existência. A partir disso, o que há de ruim na morte, se houver, é distinto do que há de ruim quando corto meu dedo, por exemplo. Cortar meu dedo é ruim porque me causa a experiência negativa do sofrimento. A morte, porém, se é o fim de nossa existência, é também o fim de nossas experiências, de modo que nenhuma experiência

⁴ O caso de Schopenhauer, em especial, suscita discussões. Embora o autor nunca tenha utilizado o conceito de pessimismo em sua obra publicada em vida para se referir à própria filosofia, sabe-se que o fez por três vezes em escritos publicados postumamente (DEBONA, 2016); já Benatar reconhece que sua visão pode ser considerada pessimista (2006) e explicitamente utiliza o conceito para se referir à própria visão em outra obra (2017).

negativa pode se seguir dela (evidentemente, o *processo* de morrer pode causar sofrimento, como morrer asfixiado; mas estamos aqui preocupados com a própria morte e não com os modos pelos quais podemos morrer). Se a morte significa deixar de existir, o que há de ruim na morte?

Desde pelo menos um texto seminal de Thomas Nagel (1970) sobre o tema, diversas abordagens foram desenvolvidas a fim de responder esse problema. Nagel sustentou que a morte, compreendida como o fim dos estados conscientes, não pode ser ruim por nenhuma característica positiva dela. Ou seja, o estado inconsciente ou a inexistência não é indesejável em si mesma. O filósofo indica duas razões em defesa dessa alegação. Primeiro, que todos nós inexistimos durante um longo período antes do nosso nascimento (ou concepção) e não parece haver nada de indesejável nesse período de inexistência. Segundo, que não consideraríamos a suspensão temporária da vida como um mal em si. Assim, Nagel (1970) sugere haver uma assimetria entre o que há de bom na vida e o que há de mal na morte, pois se a vida é desejável, essa desejabilidade reside em certas atividades, estados, condições que estão relacionadas ao *estar* vivo. No caso da morte, porém, sua possível indesejabilidade não está relacionada ao *estar* morto.

Apesar disso, a morte ainda pode ser compreendida como um mal ao sujeito que morre, mas um mal de privação: “Se quisermos dar sentido à visão de que morrer é ruim, deve ser com base no fato de que a vida é um bem e a morte é a privação ou perda correspondente, ruim não por causa de quaisquer características positivas, mas devido à desejabilidade do que remove” (NAGEL, 1970, p. 75, tradução nossa). Ou seja, o que há de ruim na morte é a perda dos bens que podemos experimentar enquanto estamos vivos. Quando morremos, deixamos de acessar bens que teríamos acessado se não tivéssemos morrido, razão pela qual a morte seria um mal de privação. Adicionalmente, pode-se considerar que a magnitude do mal decorrente da morte é proporcional à quantidade de bens que o indivíduo é privado de viver pela morte (FELDMAN, 1992; BRADLEY, 2009). Isso explica por que consideramos que normalmente é pior morrer mais cedo do que mais tarde ao longo da vida, ou seja, a morte tende a ser um mal maior para nós se ocorre na juventude do que se ocorre na velhice, pois no caso de morrermos jovens somos privados de um futuro maior e que presumivelmente contém mais bens.

A abordagem da privação, como podemos chamar essa abordagem (apresentada aqui apenas em suas linhas gerais), não é a única abordagem que explica o que há de ruim na morte. Porém, outras abordagens, como a abordagem dos desejos categóricos (BELSHAW, 2012) e a abordagem dos interesses relativos ao tempo (MCMAHAN,

2002), compartilham o pressuposto básico de que a morte só é um mal para quem morre se o futuro do qual o indivíduo é privado de viver é um futuro desejável em termos de bem-estar e, portanto, preferível à deixar de existir. Por isso, a morte nem sempre é um mal. Considere, por exemplo, o caso de um paciente terminal cujo futuro que tem pela frente contém apenas sofrimento. Nesse caso, a morte não representa um mal, pois não priva o indivíduo de um futuro de bens, mas apenas o poupa de um futuro de males, de modo que a morte pode ser vista, nesse cenário, como a melhor alternativa - podemos dizer, seria preferível deixar de existir do que continuar existindo.

Com isso, podemos sustentar que a morte só pode ser compreendida como um mal para quem morre a partir da presunção de que a vida que ela impede de continuar a ser vivida é boa. Ou seja, é um pressuposto dessas abordagens que a morte só é um mal se continuar existindo for preferível a deixar de existir, o que suscita um aparente conflito com o pessimismo filosófico. Pois, se o pessimismo é a filosofia de que a vida não vale a pena ser vivida, isso implica que seria preferível deixar de existir do que continuar existindo? Se esse for o caso, a morte não apenas não é um mal como qualquer morte poderia ser compreendida como uma espécie de eutanásia, no sentido de que a morte seria sempre preferível a continuar existindo. Teríamos de dizer, então, com Sófocles (*apud* SCHOPENHAUER, 2015, p. 700): “Nunca ter nascido é de longe a melhor coisa. Mas uma vez nascido, a melhor coisa é retornar para o lugar de onde se veio, o mais rapidamente possível”. Em outras palavras, de que morrer na juventude é preferível a morrer na velhice, o que soa como um disparate para a maioria de nós que, como expressa Sidgwick, agimos sob a presunção de que a morte é um dos piores males.

O problema que se coloca, então, é se o pessimismo enquanto doutrina filosófica compreendida a partir da tese de que a não-existência é preferível à existência é compatível com a compreensão de que a morte é um mal para quem morre, cujo pressuposto é a tese de que continuar existindo é preferível a deixar de existir. Essa possível (in)compatibilidade parece depender do argumento pelo qual sustentamos essa tese fundamental do pessimismo, o que busco demonstrar nas seções seguintes analisando o argumento *a priori* de Schopenhauer e o argumento da assimetria de Benatar, respectivamente.

3. O argumento *a priori* de Arthur Schopenhauer

Arthur Schopenhauer (1788-1860) é possivelmente o mais influente filósofo do pessimismo, comumente considerado como o “grande metafísico pessimista de todos os tempos” (DEBONA, 2016, p. 782) e como quem primeiro fez do pessimismo uma “filosofia sistemática” (BEISER, 2016, p. 13). Conforme desenvolvido nas seções anteriores, estamos aqui compreendendo pessimismo a partir da tese de que a não-existência é preferível à existência. Embora o pessimismo de Schopenhauer possa envolver diversas outras teses, o que enseja até mesmo diferentes noções de pessimismo a partir de sua obra (DEBONA, 2016), minha preocupação é com essa tese fundamental, em defesa da qual o filósofo ofertou diversos argumentos. Tratarei aqui, contudo, apenas do argumento *a priori* desenvolvido por Schopenhauer entre os parágrafos 56 e 59 do Tomo I de *O mundo como vontade e como representação* (2005), o qual alguns consideram como o argumento mais importante do autor em defesa do pessimismo (BEISER, 2016) e é amplamente discutido por comentadores (JANAWAY, 1999; BEISER, 2016; HASSAN, 2021; Simmons, no prelo).

Seguindo a interpretação de Byron Simmons (no prelo), considero que a argumentação de Schopenhauer é composta por dois passos fundamentais: primeiro, a demonstração de que nossa vida é composta por sofrimento e, em seguida, a defesa de que toda satisfação ou felicidade é essencialmente negativa. Com isso, o filósofo pessimista pretende demonstrar que a dor e o sofrimento não são meramente acidentais ou evitáveis, mas sim o essencial em nossa existência. A fim de dar o primeiro passo, Schopenhauer (2005) parte de uma análise do desejo e constata que todo querer advém de uma necessidade, ou seja, desejamos somente aquilo do qual carecemos; mas a carência gera sofrimento, de modo que se todo querer pressupõe necessidade, então todo querer está relacionado a sofrimento.

Assim, enquanto buscamos saciar determinado desejo sofremos pela falta, mas o que ocorre quando finalmente obtemos o objeto de nosso querer? Nesse caso, há duas alternativas: ou passamos a ter um novo desejo, contexto no qual o desejo é apenas substituído e continuamos sofrendo pela falta, ou o que se segue é uma ausência de querer. Porém, a ausência de querer também está relacionada ao sofrimento, pois esta resulta em tédio a partir do vazio que se impõe. Nas palavras de Schopenhauer:

A base de todo querer, entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual conseqüentemente o homem está destinado originariamente pelo seu ser. Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos. Isso também foi expresso de maneira bastante singular quando se disse que, após o homem ter posto todo sofrimento e tormento no inferno, nada restou para o céu senão o tédio (2005, p. 401-402).

Nesse sentido, somos portanto constituídos de duas fontes fundamentais e inesgotáveis de sofrimento: o querer, mediante o qual sofremos pela falta, e o tédio, pelo qual sofremos na ausência ou mesmo satisfação do querer ou necessidade. Assim, explica Beiser (2016, p. 50, tradução nossa), “nossa situação consiste em sofrimento, quer satisfaçamos ou não nossas necessidades. Se as satisfazemos, sofremos com o tédio; e se não as satisfazemos, sofremos com a privação”. Toda vida humana ocorre variando entre essas duas formas de sofrimento. Quando sentimos fome ou sede, por exemplo, sofremos pela necessidade enquanto buscamos saciá-la, mas uma vez satisfeita, novos desejos rapidamente a substituem ou, na ausência desses, o tédio se faz presente. Desse modo, uma vez que o desejo está relacionado ao sofrimento e nós somos seres desejantes, o sofrimento predomina a partir de nossa própria condição humana: “o sofrimento é essencial à vida e, por consequência, não penetra em nós do exterior, mas cada pessoa porta em seu interior a sua fonte inesgotável” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 410).

O passo seguinte de Schopenhauer é estabelecer ainda que toda felicidade é ilusória, pois todo prazer é essencialmente negativo: “Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama felicidade, é própria e essencialmente falando apenas NEGATIVA, jamais positiva” (2005, p. 411). Isso ocorre porque a felicidade é compreendida em termos de satisfação, mas a satisfação pressupõe um desejo ou querer anterior, o que, como vimos, pressupõe uma carência. Desse modo, a felicidade ou prazer é compreendida como a mera eliminação do desejo ou querer, de modo que o prazer nada mais é do que a libertação de uma dor. Nesse sentido, a felicidade nunca é experienciada positivamente, mas apenas negativamente. Diz Schopenhauer (2005, p. 411):

Quando finalmente tudo foi transposto e alcançado, nada pode ser ganho senão a libertação de algum tipo de sofrimento, ou de algum tipo de desejo, portanto encontramos-nos na mesma situação anterior ao aparecimento deles. Só a carência, isto é, a dor nos é dada imediatamente. A satisfação e o prazer, entretanto, são conhecidos só

indiretamente pela recordação do sofrimento precedente contraponto ao fim da privação quando aquela satisfação e prazer ENTRAM EM CENA.

O prazer, portanto, contém apenas qualidade negativa, na medida em que entra em cena apenas a partir da eliminação de uma dor, mas que será rapidamente substituída por outra. A felicidade então se reduz a um alívio, não sendo mais do que a suspensão temporária do sofrimento. Diante disso, “não pode haver satisfação nem contentamento duradouros, mas, aqui, sempre somos libertos de uma dor ou carência, aos quais têm de se seguir seja uma nova dor, ou *languor*, anelo vazio, tédio” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 412). Com isso, o filósofo conclui que a vida humana é essencialmente um “sofrimento multifacetado” e um “estado desafortunado”, estabelecendo o que aqui estamos considerando como a tese fundamental do pessimismo: “nossa condição é tão miserável que o decididamente preferível seria a completa não-existência” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 416-417).

Assim, o argumento *a priori* de Schopenhauer em defesa do pessimismo - a filosofia de que a vida não vale a pena ser vivida -, mantém que nossa vida humana é essencialmente sofrimento, pois tal sofrimento advém de nossa própria condição humana e não apenas de causas externas. Além disso, a felicidade é meramente ilusória, uma vez que todo prazer é negativo. Diante disso, nas palavras do autor (2005, p. 8) a vida “é comparável a um negócio que não cobre os custos do investimento”. Todavia, se a não-existência for preferível à existência porque a vida é essencialmente sofrimento, podemos considerar que, uma vez que o indivíduo existe, continuar existindo é preferível a deixar de existir?

Conforme sustentei na seção anterior, só podemos considerar a morte como um mal para quem morre dado o pressuposto de que continuar existindo é preferível a deixar de existir. Para que esse seja o caso, porém, a vida futura da qual o indivíduo é privado de viver pela morte precisa ser boa. No cenário descrito por Schopenhauer, contudo, nossas vidas estão mais próximas da situação do paciente terminal: todos nós temos pela frente apenas um futuro de sofrimento. A morte, se compreendida como passar a inexistir, não nos priva de nenhum bem, mas nos poupa de muitos males. Portanto, o pessimismo filosófico fundamentado pelo argumento *a priori* nos conduz para a asserção de que a morte não é um mal para o sujeito que morre, pois continuar existindo não é preferível a deixar de existir.

Cabe ressaltar que essa conclusão não implica, por si só, razão para o suicídio, e o próprio Schopenhauer (2005) buscou evitar essa implicação no interior de sua filosofia. No entanto, implica, por exemplo, que não há nenhuma razão pela qual uma vida mais longa seja preferível a uma vida mais curta. Do mesmo modo, parece que não temos razões para lamentar a morte de uma pessoa a não ser pelos efeitos negativos dessa morte para aqueles que se relacionavam com ela, pois a vítima da morte não sofre nenhum mal ao morrer que justifique nosso pesar. Essas implicações são no mínimo contraintuitivas e sugerem um modo completamente distinto de encarar a morte. Como veremos, no entanto, é possível fundamentar o pessimismo filosófico de modo a compatibilizá-lo com a compreensão da morte como um mal, o que agora passo a discutir.

4. O argumento da assimetria de David Benatar

Nas seções anteriores, expressei a compreensão de pessimismo como a filosofia de que a vida não vale a pena ser vivida. Porém, como observa o filósofo sul-africano David Benatar (2006, p. 22), tal expressão é ambígua, pois “a vida não vale a pena ser vivida” [*life not worth living*] pode significar que “a vida não vale a pena ser iniciada” [*life not worth starting*] ou que “a vida não vale a pena ser continuada” [*life not worth continuing*]. Uma vez que estabelecemos como tese fundamental do pessimismo filosófico que a não-existência é preferível à existência, é o primeiro desses sentidos que empregamos. Ou seja, pessimismo é a filosofia de que a vida não vale a pena ser vivida, no sentido de que a vida não vale a pena ser iniciada. Contudo, como vimos na seção anterior, o argumento *a priori* de Schopenhauer em defesa dessa tese implica também que a vida não vale a pena ser continuada, no sentido de que continuar existindo não é preferível a deixar de existir. O argumento da assimetria de Benatar, porém, sustenta que a vida não vale a pena ser iniciada, embora possa valer a pena ser continuada.

Benatar (2006) parte da alegação de que há uma simetria incontroversa acerca da presença de dor e prazer: a presença de dor é ruim, enquanto a presença de prazer é boa. No entanto, quando consideramos a ausência dessas experiências, ocorre uma assimetria: a ausência de dor é boa, mesmo que não haja ninguém para usufruir desse bem, enquanto a ausência de prazer não é ruim, exceto se houver alguém para quem essa ausência é uma privação. Em defesa dessa alegação, Benatar (2006) sustenta que essa assimetria é a melhor explicação para uma série de outras assimetrias. A mais importante dessas é sobre

a moralidade de causar a existência de alguém que terá uma vida miserável e causar a existência de alguém que terá uma vida feliz.

Intuitivamente, julgamos que temos razões morais para evitar a existência de um ser que terá uma vida miserável na qual o sofrimento é predominante. Considere, por exemplo, que um casal esteja decidindo sobre ter ou não um filho e que por determinados fatores genéticos eles saibam que o filho nasceria com uma doença congênita que causará muito sofrimento e o impedirá de ter uma vida com prazer. A consideração acerca do bem-estar desse possível indivíduo parece gerar uma razão moral para não trazê-lo à existência. No entanto, por outro lado, considere o caso de um casal que esteja decidindo sobre ter ou não um filho e que, nesse caso, eles saibam que o filho terá uma vida feliz. A consideração acerca do bem-estar desse indivíduo não parece gerar uma razão moral para que o casal tenha o filho. Em suma, julgamos intuitivamente que temos um dever moral de não trazer seres infelizes à existência, mas não temos um dever semelhante de trazer seres felizes à existência, o que resulta em uma assimetria.

Para Benatar (2006), essa assimetria é explicada pela assimetria anterior entre a dor e o prazer: consideramos que a presença de sofrimento é ruim e sua ausência é boa, mesmo se não houver ninguém para experienciar essa ausência, mas não consideramos a ausência de prazer ruim caso não haja ninguém para experienciar essa ausência. Desse modo, não temos razões morais para trazer à existência um ser que terá uma vida feliz porque não há nada de ruim na ausência de prazer, contanto que não haja ninguém para experienciar essa ausência como privação. Por outro lado, temos razões morais para não trazer um ser que terá uma vida infeliz à existência porque a presença de dor é ruim e sua ausência é boa, mesmo se não houver ninguém para experienciar essa ausência.

O autor indica ainda outras assimetrias relacionadas, porém distintas. Uma delas diz respeito a nossos julgamentos retrospectivos: nós lamentamos (e parece fazer sentido lamentar) ter causado a existência de uma criança cuja vida é predominantemente sofrida - e o fazemos baseado em considerações acerca do bem da própria criança. Por outro lado, não lamentamos (e parece não fazer sentido lamentar) o fato de não ter trazido à existência um ser cuja vida seria feliz, ao menos não por considerações acerca do bem desse próprio indivíduo (Benatar (2006) ressalta que algumas pessoas lamentam não ter filhos, mas que esse sentimento decorre da consideração com seu próprio bem-estar, como ter perdido a oportunidade da paternidade ou maternidade, mas não por considerações acerca do bem da própria criança). Esses juízos assimétricos, sustenta Benatar (2006), também são explicados pela assimetria entre a dor e o prazer: faz sentido lamentar no primeiro caso

porque a presença de dor é ruim e sua ausência é boa, mesmo que essa ausência de sofrimento só seja possível no cenário em que a criança não existe, mas não faz sentido lamentar a inexistência de alguém, pois a ausência de prazer só é ruim se existir alguém para quem essa ausência é uma privação.

Uma vez aceita a assimetria entre a dor e o prazer a partir de seu poder explanatório, Benatar (2006) sustenta, com base nessa assimetria, que a não-existência é sempre preferível à existência. Para demonstrar isso, o autor compara dois cenários: no cenário A, um determinado indivíduo X existe; no cenário B, X nunca existe. Para fins de clareza, reproduzo a seguir o diagrama apresentado por Benatar (2006, p. 38):

Cenário A (X existe)	Cenário B (X nunca existe)
(1) Presença de dor (Ruim)	(3) Ausência de dor (Bom)
(2) Presença de prazer (Bom)	(4) Ausência de prazer (Não é ruim)

No cenário A, em que X existe, a presença de dor (1) é ruim, enquanto a presença de prazer (2) é boa. Ocorre que no cenário B, em que X nunca existe, a ausência de dor (3) é boa, enquanto a ausência de prazer (4) não é ruim. Desse modo, o cenário B contém algo de bom e nada de ruim, enquanto o cenário A, embora também contenha algo bom, contém algo de ruim. Comparando os dois cenários, B é preferível, conclui Benatar: “porque não há nada de ruim em nunca existir, mas há algo de ruim em vir a existir, parece que tudo considerado, a não-existência é preferível” (2006, p. 44, tradução nossa). Assim, o autor estabelece a tese fundamental do pessimismo filosófico sem pressupor que a vida humana contém apenas sofrimento ou mesmo que o sofrimento é predominante. Em sua obra, Benatar (2006) argumenta também que o sofrimento é muito mais frequente em nossas vidas do que costumamos admitir, mas a partir do argumento da assimetria é

suficiente que haja um único sofrimento na vida de um indivíduo para que a não-existência seja preferível, mesmo nos casos em que a vida contém muito mais prazer do que dor. Nesse sentido, “o pessimista pode concordar com o otimista que há mais prazer do que dor, mas negar que mesmo essa quantidade de prazer vale a dor” (BENATAR, 2006, p. 208, tradução nossa). Uma vez que toda vida humana contém algum grau de sofrimento, nossa não-existência é sempre preferível.

A distinção entre a vida “valer a pena ser iniciada” e “valer a pena ser continuada” é crucial para a compatibilidade entre o pessimismo filosófico e a compreensão da morte como um mal a partir do argumento da assimetria. Toda vida que contém algum grau de sofrimento não vale a pena ser iniciada, pois o cenário em que não existe é preferível. No entanto, uma vez iniciada, a vida pode valer a pena ser continuada, pois o indivíduo pode experimentar prazeres e o sofrimento não necessariamente é predominante, de modo que continuar existindo pode ser preferível a deixar de existir. A partir disso, Benatar mantém que do mesmo modo que vir a existir é um dano, pois a não-existência é preferível, morrer também pode ser um dano ou mal para quem morre nos casos em que continuar existindo é preferível a deixar de existir. Além disso, o dano causado pela morte é precisamente uma das razões pelas quais vir a existir é um dano: “De fato, o dano da morte pode explicar parcialmente por que vir a existir é um dano. Vir a existir é ruim em parte porque invariavelmente leva ao dano de deixar de existir” (BENATAR, 2006, p. 213, tradução nossa).

Assim, fundamentada pelo argumento da assimetria, a tese fundamental do pessimismo, de que a não-existência é preferível à existência, torna-se compatível com o pressuposto das abordagens do mal da morte, de que continuar existindo é preferível a deixar de existir. Esse argumento estabelece que a não-existência é preferível para qualquer vida que contenha algum grau de sofrimento, mas não pressupõe que o sofrimento seja predominante ou que a vida seja “essencialmente sofrimento”. Admitindo a possibilidade de prazeres e de bem-estar positivo, nossas vidas podem ser boas no sentido necessário para a compreensão da morte como um mal que nos priva de um futuro digno de ser vivido. Embora possa soar paradoxal, não há, nesse caso, contradição entre sustentar que vir a existir é um dano e que deixar de existir é também um dano.

5. Considerações finais

Neste trabalho, propus formular e investigar um problema: o pessimismo filosófico é compatível com a compreensão da morte como um mal para quem morre? Chamei de pessimismo a doutrina filosófica que mantém como tese fundamental que a não-existência é preferível à existência. Em seguida, sustentei que só podemos ser vítimas de um mal pela morte se admitirmos que continuar existindo é preferível a deixar de existir ou, dito de outra forma, que a morte só é ruim no caso de nos privar de uma vida boa. Assim, o problema investigado foi a possibilidade de compatibilidade entre a tese de que não existir é preferível a existir e a tese de que continuar a existir é preferível a deixar de existir.

Sugeri e busquei demonstrar que a resposta ao problema depende do modo como fundamentamos o pessimismo filosófico. Se fundamentado pelo argumento *a priori* de Schopenhauer, a resposta ao problema é negativa. Ou seja, nesse caso o pessimismo filosófico é incompatível com a compreensão da morte como um mal para quem morre, pois a morte apenas nos poupa de mais sofrimento, uma vez que sofremos constantemente entre a dor e o tédio e todo prazer é negativo. Caso fundamentado pelo argumento da assimetria de Benatar, no entanto, o pessimismo filosófico torna-se compatível com o entendimento de que a morte é um mal do qual somos vítimas, pois não pressupõe o predomínio do sofrimento e admite a possibilidade de que nossas vidas contenha bem-estar positivo, mas mantém que qualquer quantidade de sofrimento é suficiente para que a não-existência seja preferível à existência. Nesse caso, a vida pode valer a pena ser continuada, embora nunca vale a pena ser iniciada.

Referências

- BEISER, Frederick C. **Weltschmerz: Pessimism in German Philosophy, 1860-1900**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- BELSHAW, Christopher. Death, Value, and Desire. In: BRADLEY, Ben; FELDMAN, Fred; JOHANSSON, Jens. **The Oxford Handbook of Philosophy of Death**. New York: Oxford University Press, 2012, p. 274–296.
- BENATAR, David. **Better never to have been: the harm of coming into existence**. New York: Oxford University Press, 2006.
- _____. **The human predicament: a candid guide to life's biggest questions**. New York: Oxford University Press, 2017.
- BRADLEY, Ben. **Well-Being and Death**. New York: Oxford University Press, 2009.
- DEBONA, Vilmar. Pessimismo e eudemonologia: Schopenhauer entre pessimismo metafísico e pessimismo pragmático. **Kriterion**. No. 135, p. 781-802, 2016.

- DIENSTAG, Joshua Foa. The anatomy of pessimism. In: _____. **Pessimism: philosophy, ethic, spirit.** New Jersey: Princeton University Press, 2006, p. 3-45.
- FELDMAN, Fred. **Confrontations with the Reaper: A Philosophical Study of the Nature and Value of Death.** New York: Oxford University Press, 1992.
- HASSAN, Patrick. Striving as Suffering: Schopenhauer's A Priori Argument for Pessimism. **Philosophia.** vol. 49, p. 1487-1505, 2021.
- JANAWAY, Christopher. Schopenhauer's Pessimism. In: _____ (eds.). **The Cambridge Companion to Schopenhauer.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 318-343.
- MCMAHAN, Jeff. **The ethics of killing: problems at the margins of life.** New York: Oxford University Press, 2002.
- NAGEL, Thomas. Death. **Noûs.** vol. 4, No. 1, p. 73-80, 1970.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação.** Tomo I. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SIDGWICK, Henry. **The methods of ethics.** 7^a ed. Palgrave Macmillan, 1962.
- SIMMONS, Byron. Schopenhauer's Pessimism. In: David Bather Woods & Timothy Stoll (eds.), **The Schopenhauerian Mind.** London: Routledge (no prelo).
- PRESCOTT, Paul. What pessimism is. **Journal of philosophical research.** vol. 37, p. 337-356, 2012.

Recebido em: 29/08/2023

Aprovado em: 20/11/2023